

OS FATOS DA NORMA CONFORME A TEORIZAÇÃO DE EUGENIO COSERIU

THE FACTS OF NORM ACCORDING TO EUGENIO COSERIU'S THEORY

Jhoici Paulina de Oliveira Arruda **1**

Daniel Marra **2**

Resumo: Este artigo investiga o conceito de norma linguística tributário ao linguista romeno Eugenio Coseriu, que estabeleceu a noção de norma como um elemento de ligação entre a dicotomia saussuriana língua e fala, definindo-a como um sistema de realizações obrigatórias e de imposições culturais, que varia de acordo com a comunidade. A norma foi concebida como a realização coletiva do sistema, enquanto a fala é a realização individual e concreta da norma. Assim, Coseriu redefine a dicotomia língua e fala no conceito tripartite sistema, norma e fala numa tentativa de superar as limitações da teorização saussuriana. Ao tratar da aplicação desse conceito, Coseriu apresenta os fatos da norma, que se observam através do uso registrado pelos falantes, nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Como se evidenciará, Coseriu reelabora a noção de norma linguística, fazendo dela um conceito chave de sua teoria linguística e pelo qual será sempre lembrado.

Palavras-chave: Norma. Fatos da Norma. Eugenio Coseriu.

Abstract: This article investigates the concept of linguistic norm attributed to Romanian linguist Eugenio Coseriu, who establishes the notion of norm as a connecting link between Saussure's language and speech dichotomy, defining it as a system of obligatory realizations and of cultural impositions, which varies according to the community. Norm is conceived as the collective realization of the system while speech is the individual and concrete realization of the norm. Thus, Coseriu redefines the language and speech dichotomy in the threefold concept of system, norm and speech as an attempt to overcome the limitations of Saussurian theorization. When dealing with the application of this concept, Coseriu presents the facts of norm, which are observed through the use registered by the speakers, in the phonological, morphological, syntactic and lexical aspects. As will be evident, Coseriu re-elaborates the notion of linguistic norm, making of it a key concept for his linguistic theory and for which he will always be remembered.

Keywords: Norm. Facts of Norm. Eugenio Coseriu.

-
- 1** Mestre em Letras (UFT) e Graduada em Letras (Faculdade de Guaraí). É professora de língua portuguesa da SEDUC/TO e da Secretaria Municipal de Educação de Aparecida do Rio Negro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1250132428042963>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9514-9139>
E-mail: jhoicipaulina@hotmail.com
 - 2** Doutor em Letras e Linguística (UFG/2012). É professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3649937025850560>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2946-3722>. E-mail: danielmarra@ifto.edu.br

Introdução

No ensaio *Sistema, norma y habla* (1952), o linguista romeno Eugenio Coseriu (1921-2002) introduziu o conceito de norma linguística como uma conexão entre os conceitos de língua e fala, tributários a Ferdinand de Saussure (1857-1913). Esse conceito, a que Coseriu dedicou boa parte de sua discussão teórica, diz respeito ao que é normal em uma comunidade linguística e não se confunde com a noção de norma gramatical prescritiva. Norma foi definida como fatos criados a partir das possibilidades funcionais do sistema e que são repetidos pelos falantes que os compartilham.

Coseriu compreendia que a língua está no domínio dos falantes; portanto, contrariando as determinações saussurianas de que os estudos da *langue* têm prioridade sobre os da *parole*, promoveu um deslocamento de foco da língua para a fala em sua teoria. Além disso, ao desenvolver a teoria da norma, rompia com o conceito de certo e errado, que são julgamentos valorativos e não têm lugar na teoria linguística, ressaltando que sendo a norma determinada pelas repetições comuns em uma comunidade linguística se deve avaliar tais ocorrências apenas como normal ou anormal e não de acordo com qualquer critério valorativo.

As discussões que compõem este artigo buscaram respaldo teórico e metodológico na historiografia linguística, área de estudo linguístico que busca compreender como surgem e se desenvolvem, através do tempo e no espaço, as teorias linguísticas. Conforme Marra (2009, p. 10), “a historiografia linguística, quando faz uso do método da Historiografia, busca compreender os fatores que exerceram influências no pensamento linguístico que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dessa teoria a determinadas práticas investigativas”.

Além disso, Konrad Koerner (1996, p. 57) realça que o historiógrafo linguista ao tratar de textos basilares da linguística deve analisá-los de acordo com o contexto da época, não interferindo com concepções e interpretações atuais, pois “nenhum escritor consegue escapar da questão ao discutir teorias de períodos passados, na mesma medida em que se deve tentar, ao mesmo tempo, torná-las acessíveis ao leitor do presente e não distorcer sua intenção e significados originais”. Para isso, o pesquisador precisa se afastar de sua formação linguística individual, pois o quadro geral da teoria investigada deve ser definido internamente e não em referência à teoria linguística moderna. É com esse respaldo teórico e cuidado metodológico que este artigo desenvolve os temas que serão tratados nos itens seguintes.

Disputa teórica sobre o objeto da linguística

Conforme destaca Marra (2012), Saussure ao elaborar as distinções língua e fala e estabelecer a *langue* como objeto da linguística emergente fez isso de um ponto de vista teórico-metodológico, já que o ponto de vista do linguista é que cria o objeto de estudo:

Tratou -se de uma escolha feita pelo linguista, que orientaria os demais estudiosos da linguagem a realizarem suas pesquisas levando em consideração tal procedimento teórico-metodológico, não que língua e fala devessem, de fato, em todos os momentos, ser estudadas separadamente. Não se trata aí de declarações sobre o mundo, sobre a realidade das coisas, mas de afirmações metodológicas apriorísticas necessárias para que os pesquisadores da Linguística pudessem proceder a qualquer análise da natureza desse objeto, abstraídos de sua contraparte concreta (MARRA, 2012, p. 87).

Acompanhando esse raciocínio, Marra (2023, no prelo) sustenta que “fazer distinções é uma operação essencial para o processo de compreensão de um objeto de estudo. Essa operação conceitual visa estudar objetos que não são considerados separados fora do ponto de vista do

pesquisador”. Marra ainda reconhece que “o ato de abstração pode deformar objetos quando por meio de uma operação conceitual o pesquisador separa diferentes características de um objeto para estudá-los de forma independente”. Por outro lado, Marra admite que “decisões metodológicas *a priori* são necessárias para que os pesquisadores procedam a qualquer análise da natureza de um objeto. É seguindo essa suposição que os linguistas tendiam a abstrair a língua da fala ou a estudar esses dois objetos de forma separada”. Nesse sentido, Marra argumenta:

Ele [Saussure] introduz as distinções *langue/parole* e, embora fale de uma linguística da *parole*, projeto no qual não se concentra, estabelece a *langue* como objeto único da linguística. Esse objeto deveria ser considerado como um sistema de signos constituído por relações de determinação recíproca entre o significado e o significante (MARRA, 2023, no prelo).

É lugar-comum na história da linguística, desde então, atribuir a Ferdinand de Saussure uma espécie de paternidade da linguística devido à ruptura epistemológica representada pela criação da *langue*, um objeto abstrato dentro dos fatos concretos da linguagem. Conforme sustenta Marra (2023, no prelo), “os linguistas da primeira metade do século XX se maravilharam com as discussões em torno da estrutura da *langue* e colocaram Saussure entre os linguistas mais prestigiados de todos os tempos”.

No entanto, segundo Marra, dialogando com Coseriu (1992), a partir da segunda metade do século XX, os linguistas passaram a se interessar pelo que possibilita ao indivíduo falar e compreender seu interlocutor. Nesse caso, as melhores explorações foram de Noam Chomsky, e seu trabalho representou uma revolução nesse campo. Dentro do empreendimento gerativo de Chomsky, a competência linguística é a capacidade do falante, baseada em princípios inatos, que lhe permite usar línguas particulares através da experiência. Portanto, a tarefa da linguística é descrever esse componente da mente humana, estabelecendo seus princípios inatos e investigando seu uso.

Segundo Marra (2023, no prelo), Coseriu, ao contrário, situa-se principalmente na tradição linguística de Wilhelm von Humboldt, desde os primeiros escritos como *Derterminación y Entorno: dos problemas de una linguística del hablar* (1955) (Determinação e ambiente: dois problemas de uma linguística do falar), que antecede os escritos de Chomsky a respeito de sua teoria da competência linguística, elabora uma teoria que ele chamou naquela época de teoria do conhecimento linguístico. Conforme, Marra (2023, no prelo), “esse texto é considerado (por alguns de seus devotos e ex-alunos) um marco na mudança de perspectiva no estudo da linguagem (embora esse texto possa ser desconhecido por muitos), pois faz da fala (*parole*) a norma para todas as manifestações de língua (*langue*), o ponto de partida da investigação linguística.

Como ressalva Marra (2023, no prelo), o Curso de Saussure é citado por muitos dos estudiosos de Coseriu quando dizem que o estudo da linguagem deve estar enraizado na *langue*, enquanto Coseriu começaria tudo a partir da *parole*. No entanto, conforme Marra,

É evidente ao longo do Curso de Saussure que o conhecimento da *langue* só é possível através da análise da *parole*, de modo que a diferença entre as posições de Saussure e as de Coseriu não são tão aparentes, e a inserção por Coseriu do conceito de norma como uma ligação entre a *langue* e a *parole* pode ajudá-lo a encontrar alguma singularidade em expressar sua abordagem da investigação linguística (MARRA, 2023, no prelo).

Desse modo, compreender o lugar de Coseriu na história linguística a partir do conceito de norma, faz-se necessário para a análise deste artigo. Como visto, Coseriu não pode ser considerado discípulo de Saussure, mas sim um leitor. Seus tratados mais importantes do período de Montevideo

(1950-1963) tratam criticamente da teoria linguística de Saussure, que modificam, melhoram ou completam, principalmente no que concerne à teoria da fala. Logo, embora o linguista romeno tenha tomado as ideias linguísticas de Saussure como ponto de partida, faz isso não como uma reafirmação de tais ideias, mas como uma forma de se firmar enquanto teórico com ideias e não como um seguidor de Saussure.

Saussure difundiu a ideia de que língua e fala deveriam ser analisados separadamente, atribuindo à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem. A metáfora (característica de Saussure, para explicar suas teorias) de que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39) permite a interpretação de que sua decisão de estudar a *langue* não exclui o fato de que língua e fala são interdependentes, tratou-se evidentemente de uma opção de estudar um objeto e não o outro.

Em sua leitura de Saussure, Coseriu compreendeu que algumas das ideias de Saussure estavam no caminho certo, porém devido ao aspecto inovador de tais ideias e ao pouco tempo que teve para aprofundá-las restaram algumas incongruências que ele Coseriu pretendeu explicar. Nesse sentido, ele argumentou que uma insuficiência da “dicotomia saussuriana, em última instância é ser demasiadamente rígida, isto é, a de ignorar o ponto onde ‘língua’ e ‘fala’ se encontram e se combinam, ou seja, no ato verbal” (COSERIU 1979, p. 45).

Coseriu não apenas considerava que a cisão língua/fala era incoerente, mas também as próprias definições desses objetos tributárias a Saussure. À medida que Saussure (2012) compreendia a língua como um sistema de oposições funcionais, Coseriu a considera como uma composição de elementos sociais, isto é, aquilo que é normal e repetido no falar de uma comunidade, ou seja, “já sobre a base do chamado produto linguístico se pode estabelecer um sistema normal, distinto do sistema funcional que se estabelece no plano superior da abstração, o das formas linguísticas” (COSERIU, 1979, p. 46). Assim, considerando que língua e fala são oposições interdependentes em que a fala é a realização da língua e língua é o produto da fala, definiu a língua como um sistema abstrato composto por possibilidades abertas e fechadas (sistema) e por imposições linguísticas (norma). Desse modo, não mais utilizaria a oposição língua/fala, mas sistema, norma e fala.

Na década de 1970, Coseriu publicou em espanhol a obra *Sincronía, diacronía y historia* (1973, o texto foi originalmente rascunhado em 1958). Na obra, o linguista esclarece e expande outra dicotomia saussuriana: sincronia e diacronia. Segundo Saussure, “à sincronia pertence tudo o que se chama ‘Gramática Geral’, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem a Gramática” (SAUSSURE 2012, p. 145). No que concerne à linguística diacrônica, ela estuda a língua numa realidade histórica, em que “termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” (SAUSSURE, 2012, p. 193). Coseriu certamente não compartilhava da cisão diacronia/sincronia, em vez disso, concebe esses dois elementos não como fenômenos diversos, mas como um único fenômeno em que o fato sincrônico é uma extensão ou um produto do fato diacrônico.

Saussure, preocupado em estabelecer firmemente a sincronia e em distinguir o ponto de vista sincrônico e diacrônico, não percebe que a diferença entre ambos é apenas de perspectiva e não tenta reconciliá-los, [...] sem perceber que o fato diacrônico é na realidade a produção do fato sincrônico, não são dois fenômenos diversos, mas um único fenômeno” (COSERIU, 1979, p. 22).

Coseriu, assim, considerava que a teoria saussuriana era insuficiente para explicar a evolução histórica da língua. Marra (2023, no prelo) argumenta que apesar dos esforços de Coseriu de superar a teorização saussuriana com essa publicação, a obra *Sincronia, Diacronia e História* nunca foi inteiramente compreendida:

O próprio Coseriu, apresentando um artigo em inglês (*UCLA Conference on Causality and Linguistic Change, Los Angeles*, maio de 1982 [ver COERIU, 1982, p. 147]), reclama do fato de

que sua teoria sobre mudança linguística delineada em seu artigo *Sincronía, diacronía y historia* (1958) 'nem sempre foi compreendida, por causa do *'Hispanicum est, non legitur'* (É espanhol, não se lê). Coseriu acrescenta que a ignorância que envolve sua teoria também pode ter a ver com a estranheza de sua formação no 'espírito da época', especialmente no mundo da língua inglesa. Talvez, o que Coseriu quer dizer com a última queixa diz respeito à sua formação humboldtiana em um contexto de efervescência das ideias de Saussure, pois argumenta no início de sua fala que 'hoje, graças também a algumas noções de gramática gerativa e a um melhor conhecimento Humboldt, os tempos são muito melhores, então espero não os surpreender com uma concepção completamente heterodoxa' (MARRA, 2023, no prelo).

A década de 1970 foi sem dúvida muito produtiva para o linguista romeno. Suas publicações, no entanto, possuem datas que por vezes parecem confusas, devido ao fato de que comumente publicava ensaios e posteriormente os reunia em livros com o mesmo nome. Das publicações da década de 1970, destaca-se *O homem e sua linguagem* (1977[1987]). Nessa obra, o autor discute sobre a linguagem em sua essência e como atividade criadora, invocando conceitos humboldtianos: "a linguagem não é, em primeiro lugar, emprego, mas criação de significados e, portanto, não é tampouco simplesmente produção de signos materiais para significações já dadas, e sim criação de conteúdo e expressão ao mesmo tempo" (COSERIU, 1987, p. 26).

Henning Andersen (2009, p. 18), refere-se aos principais estruturalistas, como Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Louis Hjelmslev, Viggo Brøndal, Eugenio Coseriu, que "reconheceram as regularidades de uso que estão além do 'sistema estruturado' e fizeram esforços para entender a relação entre tais regularidades e 'o sistema'". Em relação a isso, Andersen chama a atenção para a "profunda discussão das questões tratadas em Eugenio Coseriu (1952)", em referência ao seu Sistema, norma e fala.

Segundo Marra (2023, no prelo), Coseriu se define como um desenvolvedor do estruturalismo em algumas de suas obras, em particular na semântica estrutural. Aliás, para Marra, sua reputação de estruturalista se deve em maior parte devido a suas incursões pela semântica, em outros aspectos ele se vê indo além do estruturalismo.

Ele sublinha que o método Estruturalista só pode ser usado "dentro de limites definidos e para fatos definidos". Coseriu chama sua própria linguística de "linguística integral", incluindo "três linguísticas": a linguística da fala em geral, a linguística das línguas e a linguística do texto. Essa afirmação é, entre outras coisas, uma crítica a um estruturalista unilateral que se concentra na estrutura da linguagem. De fato, Coseriu enfatiza a necessidade de recuperar aspectos da linguagem e da fala, aspectos que, segundo ele, foram excluídos no Estruturalismo. Coseriu também considera as dia-dimensões como indo "além do Estruturalismo" (MARRA, 2023, prelo).

Embora a produção intelectual de Coseriu o permita em certa medida o rotular de estruturalista, esse não era um rótulo que o agradava. Sua obra pode ser lida em certa medida como uma tentativa de explicar e desenvolver as teorias saussurianas, que considerava insuficientes. Mas sem dúvida as ideias de Saussure foram um terreno fértil para o desenvolvimento de suas teorias, ou foram "sementes", como ele mesmo chama, para a efetivação de seus estudos. Nesse sentido, Coseriu deve ser lido como um linguista que desenvolveu a ideia dicotômica saussuriana *langue/parole*. Em sua trajetória deixou sempre claro sua intenção de ir além do que Saussure deixou em seu Curso de Linguística Geral.

Coseriu via as questões da linguagem mais abrangentes, por se tratar de uma atividade humana, que é criada e repetida pela sociedade. Para ele linguagem “é produto da cultura humana, tomando como ponto de referência a capacidade do homem para a atividade criativa, ou seja, a capacidade de criar cultura e, portanto, também linguagem” (UCHOA, 2021, p. 18). Considerando o Curso de Linguística Geral como “embrião e semente de tantas outras doutrinas e atitudes da linguística atual”, Coseriu justifica sua postura crítica diante dessa obra:

[N]o Curso há uma infinidade de sugestões suscetíveis de desenvolvimentos contraditórios parece-nos evidente e demonstrado. [...] o que se tem que de admitir é que a concepção de Saussure oferece dificuldades de interpretação que pela própria condição de notas da aula em que se publicou a obra, muitos pontos permanecem nela obscuros, ou insuficientemente elaborados ou não bem fundamentados (COSERIU, 1979, p. 37).

À luz do exposto, pode-se argumentar que, embora a obra de Coseriu tenha sido lida e contestada ao longo do tempo, ele geralmente não é considerado um teórico de um novo modelo linguístico. Ao contrário, seu trabalho tem sido frequentemente lido como uma crítica ao estruturalismo clássico e como uma introdução a teóricos como Humboldt, Saussure, Hjelmslev e Chomsky, e não como um teórico específico da linguagem (ITKONEN, 2011; ALTMAN, 2017).

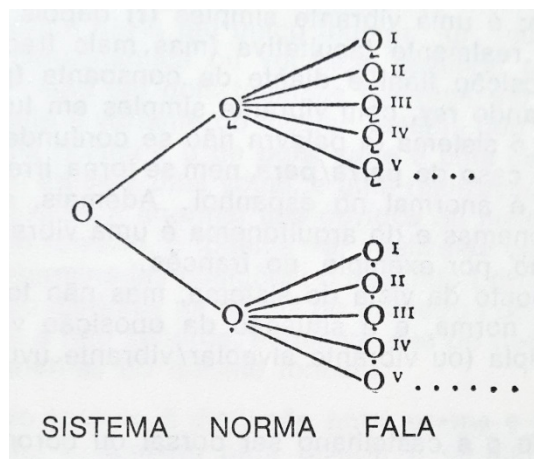
Os fatos da norma

Eugênio Coseriu conceituou norma como repetição normal de modelos anteriores em uma comunidade linguística limitada isoglossicamente. A norma como integrante da tripartição coseriana (sistema, norma e fala) sela um elo interpedendente entre a dicotomia saussuriana, língua e fala. Para o autor, a norma possui características impositivas, a partir das criações possibilitadas pelo sistema e que são repetidas por uma determinada comunidade linguística. Visto isso, é possível que tais criações sejam analisadas de forma gramatical, ou seja, os elementos discursivos usados pela comunidade linguística compõem uma língua e tem uma estrutura gramatical.

Coseriu (1979 [1952]) apresenta os fatos gramaticais da aplicação da norma, ou fatos da norma, que se observam através do uso registrado pelos falantes. Segundo o autor, os fatos de norma são percebidos em diversos campos linguísticos como, fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Para ele, a fonologia é o campo gramatical em que mais se percebe a norma, pois se trata de um campo com uma realização perfeitamente desenvolvida, isto é, o sistema auditivo pode com clareza estabelecer as diferenças do que é estranho numa comunidade isoglósica, ou seja, do que ali naquele ambiente é tido ou não como normal.

Exemplo disso é o fonema /o/. No português, esse fonema admite tanto uma pronúncia aberta /ɔ/, como uma pronúncia fechada /o/. Como ocorre nas palavras *rosa* e *esposo*. Como assinala Coseriu (COSERIU, 1979 [1952], p. 57), “temos, por conseguinte, um único fonema /o/ no sistema, duas variantes típicas, dois tipos de o, na norma, e, finalmente, uma infinidade de realizações distintas (variantes individuais e ocasionais) no falar concreto e nos atos linguísticos”. A figura abaixo sintetiza essa ideia:

Figura 1. Fonema (0).



Fonte: (COSERIU, 1979, p. 57).

Como se observa na figura acima, o sistema, que é um sistema de possibilidades, possibilitou para um único fonema as pronúncias aberta ou fechada. A determinação sobre cada uma veio através da repetição pelo falante, e essa determinação é chamada por Coseriu de norma. Ainda no campo fonológico, vale a comparação do português brasileiro com o português lusitano. Embora seja uma só língua, de um ponto de vista do sistema, com a mesma estrutura linguística, a língua é pronunciada de forma diferente nos dois países. Conforme Duarte (2001), Coseriu afirma não haver nenhuma oposição distintiva na língua, mas na norma há e são perfeitamente notáveis: “Pensemos na norma lusitana e na brasileira. Para nós, brasileiros, os portugueses falam com mais dureza e nós, brasileiros, temos uma fala mais musicada” (DUARTE, 2001, p. 161).

Outro exemplo é a oposição fonológica representada pelo fonema /r/ em suas várias realizações no português. Comumente, o /r/ tem uma pronúncia reforçada quando está no início da palavra, acompanhado de outro rr (dígrafo), ou antecedido pela consoante n, e tem uma pronúncia vibrante simples quando está entre duas vogais. No entanto, na região sul do Brasil é normal uma palavra com o r reforçado (rr/nr/ ou r no início da palavra) ser pronunciada com uma vibrante múltipla.

Essa realização fonética naquela comunidade é dada como normal. No entanto, o um falante sulista que deixar aquele lugar e se mudar para outra região que não compartilha daquela mesma norma, logo seria identificado como alguém estranho àquele lugar. Esse falante não seria julgado como um não falante do português, mas simplesmente que possui uma norma linguística diferente daquela adotada pela comunidade em que ele agora habita. Nesse sentido, Coseriu (1979, p. 56) dirá que “os limites do registro não são indiferentes, mas, ao contrário, bem determinados, e caracterizam a individualidade de cada língua”.

Relativamente ao campo da morfologia, Coseriu chama a atenção para aqueles erros observados na fala de crianças na fase de aquisição da língua, como os erros de flexão verbal. Para ele, tais equívocos ocorrem porque as crianças ainda não conhecem suficientemente os fatos da norma. Por exemplo, é comum ouvir uma criança dizer “cabeu”, em vez de dizer coube, ou ouvir uma pessoa de baixa escolaridade dizer “barreu” em vez de varreu. No primeiro caso, observa-se que embora a norma não admita essa construção, deve-se levar em consideração que o verbo *caber* é irregular, apresenta alterações em sua conjugação, o que dificulta a aquisição pela criança. Nesse caso, a criança irá procurar um meio funcional para que a comunicação ocorra. Ademais, isso ocorre através de um processo analógico em que a criança busca respaldo em outras construções semelhantes, como em *bateu*, do verbo *bater*.

Para o segundo caso, deve-se recorrer a uma explicação articulatória. Os fonemas /v/ e /b/ são articulados proximamente. O primeiro possui uma articulação labiodental, a segunda, bilabial. Isso faz com que uma pessoa pouco escolarizada faça a troca entre as letras e pronuncie *barreu* em vez de varreu. Ademais, deve-se levar em consideração que a troca de /v/ por /b/ não se trata de um fenômeno recente no português. Na história de desenvolvimento dessa língua /v/ e /b/

intercambearam para moldar a estrutura das palavras. Trata-se de um processo metaplasmatóico nomeado na gramática histórica como degeneração. Nesse sentido, pode-se justificar que essas “anormalidades” são compreensíveis diante das possibilidades oferecidas pelo sistema e não é raro encontrá-las na fala do brasileiro. Sobre isso, Coseriu diria que:

Tais erros procedem quase sempre duma aplicação das oposições funcionais do sistema contrária à aplicação consagrada como normal na respectiva comunidade linguística, isto é, da utilização anormal de meios que o sistema proporciona como formas ideais, desligados do uso concreto, mas que a norma fixou, codificou e classificou em moldes tradicionais de realização (COSERIU, 1979, p. 59).

Coseriu vê na morfologia um campo em que as palavras poderiam ter sido determinadas de outra maneira pela norma, já que o sistema “é um conjunto de vias abertas e fechadas, de coordenadas prolongáveis e não prolongáveis” (COSERIU, 1979, p. 61). No que concerne aos fatos da norma, a derivação é extremamente produtiva, devido à funcionalidade do sistema e à criatividade do indivíduo diante das possibilidades de comunicação do dia-a-dia. Para o autor, “no que concerne à formação das palavras, à derivação e à composição, a distinção entre norma e sistema manifesta-se em relação às necessidades cotidianas expressivas de qualquer falante” (COSERIU, 1979, p. 61).

Nesse sentido, Duarte (2001, p. 161) argumenta que “no sistema do português, a terminação ária (sufixo) indica ‘lugar que se vende alguma coisa’, por exemplo, *pão-padaria*; no entanto, não há equivalentes na norma para, por exemplo, *disco-discaria* ou *remédio-remediaria*”. Percebe-se, assim, que muitas vezes os caminhos abertos do sistema podem ser inviáveis, pelo menos para uma determinada sincronia.

Concernente à derivação, Coseriu afirma que nem sempre a formação de palavras é determinada pelas possibilidades condicionadas pelo sistema. É o caso da terminação de alguns substantivos femininos que não mantiveram um padrão ao serem formados:

[a] norma escolhe, fixa e opõe as variantes. Assim, por exemplo, para o feminino dos nomes de agente terminados em *-tor*, o sistema proporciona as possibilidades *-tora* e *-triz*, mas na realização normal esses modelos se opõem e se diversificam: a norma prefere *atriz* e *diretora* (COSERIU, 1979, p. 62).

Percebe-se, assim, que a norma escolhe, fixa e opõe os usos linguísticos, mas isso ocorre somente com o que é repetido várias vezes dentre as possibilidades oferecidas pelo sistema. O sistema abre as possibilidades, mas a opção mais repetida é que será fixada pela norma.

A sintaxe é outro campo gramatical em que se pode localizar fatos da norma, porém nela é mais difícil de se perceber a distinção entre a norma e sistema: “Todavia, acreditamos que isso pode ser feito, porque não consideramos que este campo pertença antes à fala que a língua” (COSERIU, 1979, p. 62). Em busca de um maior entendimento deste assunto, o autor coloca a seguinte pergunta: a sentença pertence à língua ou à fala? Essa pergunta é relevante porque a sintaxe é o componente da gramática que segmenta as partes da oração de forma combinatória, onde cada termo exerce uma função específica, porém de forma interdependente, carregada por uma entonação. Sobre isso, Rocha Lima (2005, p. 232) argumenta que “a entonação, traço para a conceituação de frase, é o que lhe dá, a esta unidade de sentido, demarcando-lhe começo e fim, e apontando-lhe o propósito (declarativo, interrogativo, etc.)”. Diante desse argumento, pode-se concordar com Coseriu que a sintaxe é tão pertencente à língua quanto à fala:

[a] oração é infinitamente variável e universal pelo que

expressa, mas não nos parece que o seja também pelo modo como o expressa: no que tem de linguístico, a oração ‘pertence a língua’ na mesma medida que os demais fatos da linguagem, ou seja, por sua estrutura ideal e pela norma de sua realização (COSERIU, 1979, p. 63).

Contudo, só é possível estudar sintaticamente as estruturas linguísticas através dos fatos da fala, registrados na escrita. Como argumenta Coseriu (1979, p. 63), “todos os fatos da língua devem ter sido alguma vez fala”. Logo, entende-se que a oração é composta de elementos linguísticos que se realizam na fala.

O Brasil é um país extenso territorialmente e, por isso, possui as mais variadas comunidades linguísticas, isoglossas, para utilizar a terminologia que Coseriu comumente utilizava. Com isso, é comum que a mesma sentença seja dita/escrita de maneiras diferentes em cada comunidade. Duarte (2001) traz um exemplo esclarecedor de uma norma específica da fala do gaúcho de fronteira:

O gaúcho da fronteira diz *le conto*, *le digo*, *le falo*, fato que é modelo aceito e repetido, norma, nessa região (principalmente por influência do espanhol). O uso do *le* (pronome) não está previsto no sistema do português, aliás, é inexistente; o previsto é o pronome *lhe*. Neste caso, a oposição *le/lhe* não se encontra no sistema, mas dentro de uma norma específica (DUARTE, 2001, p. 162).

O fato curioso é que Duarte, embora pareça dialogar com Coseriu, diga que “a oposição *le/lhe* não se encontra no sistema, mas dentro de uma norma específica”. Talvez se pudesse dizer que o pronome oblíquo *le* não faz parte da norma culta padrão, embora exista como norma da comunidade linguística a que Duarte faz referência. Ademais, se esse pronome existe como norma para essa comunidade é porque o sistema permitiu essa possibilidade. Este parece ser um caso de uma oposição que surge a partir da despalatalização do fonema [λ], e, nesse caso, pode-se dizer que as duas oposições se encontram previstas no sistema da língua portuguesa.

No norte do Brasil, é comum ouvir construções como: *Ontem, amanheci o dia dormindo*. Conforme a norma gramatical padrão, o verbo *amanhecer* não pode ser conjugado com pronomes pessoais, visto que ele é classificado como fenômeno da natureza, ou seja, só tem a possibilidade de ser conjugado com os advérbios de tempo (ontem, hoje, amanhã). Trata-se de um verbo intransitivo, que não precisa de complemento, pois por si só já explica o quer dizer (amanheceu – raiou, surgiu um novo dia).

Outro motivo que torna estranha essa construção sintática é o fato de o verbo em questão, *amanhecer*, ao ser conjugado com algum pronome pessoal, traga uma conotação de atraso, de alguém que não tenha levantado no horário. Porém, a repetição dessa oração pela comunidade onde ela se tornou normal fez com que ela se tornasse a norma fixada pelos falantes dessa comunidade específica, fazendo com que essa oração signifique, isto é, que seja compreendida pelos demais falantes da comunidade como algo relacionado ao acordar tarde.

Nesse sentido, convém trazer para esta discussão o que Coseriu (1979, p. 65) argumenta: “entre as variantes dum esquema sintático permitidas pelo sistema, uma pode ser considerada como realização normal da língua dada, enquanto as demais, são anormais, ou adquirem normalidade só numa determinada convenção estilística”. Dessa forma, não se deve rotular o que é certo ou errado numa língua, principalmente no que se refere aos usos diversos de comunidades linguísticas diversas, mas se deve considerar o que é normal ou anormal no uso dessas comunidades.

O último campo que Coseriu apresenta em que se pode encontrar fatos da norma é o do léxico. Assim como ocorre com a sintaxe, o autor vê dificuldades em distinguir as oposições entre sistema e norma no campo lexical, isto é, onde atuam as funções representativa e associativa. Para Coseriu (1979, p. 66), tais “dificuldades se devem à enorme complexidade e infinita variedade

das oposições que se estabelecem neste campo e tornam tão árduo o estudo sistemático do vocabulário”. Em outras palavras, essa dificuldade se deve ao fato de que mais uma vez o sistema apresenta uma infinidade de vias abertas e fechadas acerca de um mesmo código.

Vale aqui um retorno ao que diz Saussure sobre o signo linguístico e sobre sua arbitrariedade. Saussure (2012) afirma que o signo linguístico é a união de um conceito e de uma imagem acústica e classifica os termos subsequentes da seguinte maneira:

[...] propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; esses dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Exemplificando o que diz Saussure a respeito da natureza do signo linguístico, convém imaginar a figura de um animal quadrúpede, de mais ou menos 1,70 de altura, que tem a pele revestida por pelos, com calda grande que lembra os cabelos lisos e amarrados de uma mulher. À mente automaticamente vem a imagem de um cavalo. Considere as descrições feitas como conceito, ou significado, e sua nomenclatura, cavalo, como significante.

Saussure (2012, p. 108) assinala que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Sistematizando a função do signo linguístico com os fatos de norma, Coseriu (1979) entende que a forma como a função associativa se realiza é que estabelece a norma:

[...] acreditamos que no que, concerne ao léxico, correspondem ao sistema a particular classificação conceitual do mundo que toda língua representa (função representativa) e a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no momento da criação do signo como em sua repetição (função associativa) (COSERIU, 1979, p. 66).

Isso explica porque muitos conceitos possuem, em algumas comunidades linguísticas mais de um significante, ou seja, mais de um nome. Como ocorre com nomeações para o lugar onde o rio começa. O mesmo significante (lugar onde o rio começa), ou realidade no mundo empírico, pode ser nomeado de diversas formas, como nascente, cabeceira, mina, olho d’água, minadouro, fonte.

Conforme assinalam Botelho, Marra e Martins (2019, p. 44), em um estudo que evidencia as várias formas de se nomear uma realidade no mundo empírico, como é o caso de *lugar onde o rio começa*, um grupo de palavras se formaram em torno de um significante:

Como evidenciado, uma única designação¹ (terminologia coseriana) reúne em torno de si vários significados (unidades

1 Marra (2020, p. 108) argumenta que Coseriu ressignifica a dicotomia saussuriana significado e significante na tripartição “designação, significado e sentido”. Segundo ele, esse conceito tripartite “encontra eco na distinção significado, sentido e referência de Gottlob Frege (1978[1892]) e também na dicotomia significado e significante de Ferdinand de Saussure (2006[1916]). As distinções saussurianas recaem em uma “associação psíquica bipolar” (GUIRRAUD, 1972, p. 22), que compreende “a forma significante e o conceito significado”. Para Saussure, somente o significante (imagem mental da coisa) e o significado (a imagem mental da forma fônica) pertencem ao sistema da língua. Nessa perspectiva, um dado linguístico representado pela forma fônica (psíquica) reclama uma coisa (ou a imagem da coisa), ou o processo contrário, em razão de uma convenção social. O posicionamento de Saussure tem o mérito de colocar em destaque o caráter psíquico do dado linguístico, mas sofre críticas por excluir do processo significativo a coisa nomeada, o objeto do mundo empírico. Nesse sentido, Frege foi mais coerente ao tratar do processo de significação. Para ele, o significado (um dado linguístico qualquer) resulta da noção de referência, do objeto no mundo, e do sentido que esse objeto carrega. Noções análogas emprega Coseriu”.

particulares de designação, unidades lexicais) cujas histórias individuais permitem o rastreamento de suas origens, a observação de suas transformações metaplasáticas e as mudanças semânticas por que passaram para chegar à sincronia atual significando e trazendo consigo a ilusão de identidade com a coisa nomeada (BOTELHO; MARRA; MARTINS, 2019, p. 44).

Parece evidente que os significados, as unidades particulares de designação, variam de acordo a comunidade linguística, fazendo com que os signos possam ter significados nucleares ou laterais (secundários). Nesse sentido, Coseriu assinala que:

[...] um determinado significado é “nuclear” ou principal, enquanto os demais são “laterais”, dentro da esfera de significados possíveis desses nomes (...); mas o fato de existirem os significados laterais ou secundários (permitidos pelo sistema mas não comuns, ou complementares, ou fixados em determinados empregos tradicionais, na norma) é muito importante, pois explica o mecanismo de muitas alterações semânticas, dado que justamente pelos significados laterais, as esferas significativas dos vários signos se entrecruzam e se relacionam (COSERIU, 1979, p. 67).

Nesse mesmo sentido, Silva (2006, p. 298) fala sobre a importância da categorização no processo de classificação, nomeação e organização da realidade como um artifício de “redução da complexidade do mundo em que vivemos”. A categorização é assim vista como uma facilitadora da aprendizagem e uso de uma língua, uma vez que a cognição humana acomoda os significados das coisas em categorias mais ou menos hierarquizadas em torno de um centro prototípico².

Desse modo, invocando os conceitos de categorização e prototipicidade (do inglês ‘prototypicality’), Botelho, Marra e Martins (2019, p. 45) argumentam:

Este estudo mostrou que embora as terminologias *mina*, *nascente*, *olho d’água*, *cabeceira*, *fonte* estejam todas relacionadas com o sentido básico da categoria, o sentido prototípico básico que define a categoria *lugar onde o rio começa* está mais centralizado em torno do termo *nascente* do que em torno de *cabeceira*, e de outros que gozam de uma definição mais periférica no aparelho conceitual dos utentes participantes da pesquisa. Nesse sentido, unidades lexicais que compõem uma mesma categoria podem não gozar do mesmo *status* de igualdade ao conceituar um determinado significante. A categorização exerce, assim, uma função fundamental e necessária, pois facilita a apreensão e organização do mundo através da linguagem, permitindo aos utentes, sempre que necessário, avaliar o grau de prototipicidade dos conceitos e usar o mais adequado para a situação comunicativo-pragmática. Além disso, permite à cognição humana que acomode e interprete novas palavras e as mudanças semânticas decorrentes do uso no interior de categorias já existentes na língua (BOTELHO; MARRA; MARTINS, 2019, p. 45).

2 A teoria dos protótipos surgiu no âmbito da Psicologia Cognitiva. Eleanor Rosch trouxe importantes contribuições sobre o processo de categorização. Nesse sentido, Aragão Neto (2008, p. 43) ressaltou que “Rosch mostrou [...] que há membros mais, e outros menos, representativos de uma categoria: para a categoria ave, por exemplo, canário e pombo estão entre os membros mais prototípicos, e avestruz e pinguim entre os menos”.

É importante ressaltar que Coseriu não utilizou termos como categorização e prototipicidade, mas parece haver um eco desses em suas terminologias “significado nuclear ou principal” e “significado lateral ou secundário”, principalmente em relação aos sentidos de centralidade e periferia que os primeiros termos invocam.

Duarte (2001) considera que as concepções de Coseriu relativas ao sistema e a norma explicam certos fatores de compreensão no que concerne à aceitação de alguns termos:

[...] podemos dizer que no sistema existem elementos e mecanismos que asseguram a criação de novas realizações para uso da comunidade e do indivíduo, e na norma elementos e mecanismos que a caracterizam, determinam e diferenciam uma comunidade ou grupo social de outros socioculturalmente diferentes (DUARTE, 2001, p. 163).

Essa compreensão torna a concepção coseriana sobre sistema e norma um dos pontos determinantes para o estudo de uma língua, ou seja, não se pode estudar o sistema de uma língua sem a compreensão das normas que o regulamenta.

Esclarecemos, ademais, que não se trata da norma no sentido corrente, estabelecida ou imposta segundo critérios de correção e de valoração subjetiva, mas sim da norma objetivamente comprovável numa língua que seguimos necessariamente por sermos membros duma comunidade linguística, e não daquela segundo a qual se reconhece que falamos bem ou de maneira exemplar, na mesma comunidade (COSERIU, 1979, p. 69).

Coseriu, evidentemente, reconhece o sentido que o termo norma carrega tradicionalmente e se apressa em explicar que norma linguística se distingue de norma prescritiva, que traz consigo os “critérios de correção e de valoração subjetiva”. Norma linguística, sistema normal, está relacionada ao que foi fixado e determinado através da repetição pelos falantes de uma mesma comunidade.

Para Duarte (2001, p. 163), “a distinção normal/anormal é bastante útil no momento em que se procura registrar e explicar modalidades usadas por determinados grupos e não por outros. Estaria aqui uma fundamentação da sociolinguística estrutural”. A norma expressa aqui é aquela eleita pelos membros de uma comunidade linguística e não carrega consigo aspectos valorativos sobre certo ou errado, mas sim sobre o que é normal dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, Duarte (2001, p. 163) argumenta que a concepção coseriana torna-se fundamental, pois ele “desvincula o conceito de norma do critério certo/errado, muito utilizado pelas gramáticas normativas, explicando os diferentes usos linguísticos não por critérios de valor, mas por modelos objetivamente comprovados, repetidos e seguidos”. Contudo, aquilo que não está na norma, ou o que não é normal naquela comunidade, será tratado como uma infração da norma e será percebido como estranho, pois ainda não se fixou no uso. Assim, Coseriu (1979, p. 69) argumenta que o que deve ser analisado em um estudo dessa natureza é o que se diz e não o que se deve dizer. Assim, para ser entendido como norma é preciso que já tenha fatos registrados historicamente, ou seja, modelos repetidos anteriormente.

O linguista romeno afirmou em suas publicações que entre língua e fala há elementos pertinentes criados e repetidos por uma comunidade durante o ato linguístico. Como afirmou, numa língua descobrimos “elementos sociais, isto é, normais e repetidos no falar de uma comunidade, e que, entretanto, não pertencem ao sistema funcional das formas linguísticas, ou seja, já sobre a base do chamado ‘produto linguístico’ se pode estabelecer um sistema normal” (COSERIU, 1979, p. 45).

A fala, sendo uma realização individual de uma língua, que é um produto linguístico coletivo, concebe elementos comuns dentro de uma comunidade, a que Coseriu chama de

norma, uma realização normal dessa comunidade. Para que esses elementos sejam repetidos e se consagre como normal num determinado campo é preciso que ela seja aceita pelos falantes da comunidade linguística. Segundo Marra (2012, p. 12), “o indivíduo apenas reproduz o padrão coletivo”, compreendendo que os elementos reproduzidos já foram compartilhados e aceitos pelos falantes.

Num panorama social, as comunidades linguísticas compartilham, além de traços no falar, comportamentos e outros fatores que permitem a sua identificação. Segundo Marra (2012, p. 124), repetindo Labov (1994), “o indivíduo pode apenas ser entendido como um produto de uma história social única e do cruzamento dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que o definem”. Tal cruzamento permite localizar o falante no interior de uma comunidade de fala e interpretar a sua fala como representativa do grupo de falantes devido às normas adquiridas do grupo, conforme Labov (1991, p. 158 *apud* MARRA, 2012, p. 139), “a comunidade de fala é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas concernentes ao uso da língua”.

A comunidades de fala é a realidade social mais possível de ser identificada e, portanto, estudada. Nela pode-se absorver as mudanças linguísticas, inclusive de forma atualizada. Geralmente, fatores sociais como faixa etária, classe social, gênero, dentre outros, contribuem para a identificação de uma comunidade de fala. Estudando a história de tal comunidade é possível entender e desmitificar certos conceitos pré-estabelecidos por pessoas alheias a essa realidade linguística.

Estudar uma comunidade linguística requer um aprofundamento também do contexto de vida dos seus participantes, para que se possa compreender não apenas a norma linguística dessa comunidade, mas também com essa norma muda ao longo do tempo. Ao conceituar norma como elementos normais dentro de uma comunidade linguística, Coseriu destaca que o que é estranho para as pessoas alheias a uma comunidade não deve ser tratado de certo ou errado, mas de normal e anormal. Para o autor, “já não se trata de um conceito linguístico, mas de um conceito mais amplo, dado que a gramática e o dicionário não contêm somente as oposições sistemáticas duma língua, mas tudo o que é normal nas expressões de uma comunidade” (COSERIU, 1979, p. 47).

Considerações Finais

Este artigo delineou brevemente um capítulo particular da teoria linguística do século XX em que o linguista romeno Eugenio Coseriu desempenhou um papel importante na conceituação do objeto da linguística, como sistema, norma e fala, colocando ênfase sobre a norma como um elo entre os outros dois conceitos. Os estudos de Coseriu sobre norma linguística teve o intuito de reconfigurar a dicotomia saussuriana língua e fala de modo a eliminar certas controvérsias nos estudos da linguagem.

Na concepção do linguista romeno, algumas considerações que compuseram o Curso de Linguística Geral, de Saussure, no que concerne língua e a fala eram insuficientes e contraditórias. Coseriu entendia que a ênfase saussuriana nos estudos sobre a língua acabou tirando o foco do estudo da fala. A língua poderia ser estudada sem referência à fala porque faltava algo que estabelecesse a relação de interdependência que há entre esses dois elementos. Coseriu mostrou que esse elemento que permite essa conexão é a norma.

Certamente, a contribuição original mais celebrada e reconhecida de Coseriu é a concepção de norma que certamente ocupa um lugar muito central em sua reconfiguração da dicotomia *langue* e *parole* de Saussure. Como assinala Nadia Obrocea (2016), a obra *sistema, norma e fala* representa para os linguistas, sejam eles seguidores ou não de Coseriu um marco teórico fundamental na definição do conceito de norma linguística.

Este artigo teve o objetivo de lançar luz sobre as discussões de Coseriu acerca da noção de norma linguística e com isso dar destaque para a teorização desse autor no contexto da linguística geral. Reforça-se, portanto, o argumento aqui evidenciado de que sua teoria merece ser colocada em debate mesmo setenta anos depois que ela foi delineada.

Referências

- ALTMAN, C. Eugenio Coseriu entre a Filologia e a Linguística Brasileira (1950-1963). **Revista de la Academia Nacional de Letras**, Uruguai, n. 13, p. 97-117, 2017.
- ANDERSEN, H. Living norms. In: LUNDE, I. & PAULSEN, M (Ed). **From Poets to Padonki: Linguistic Authority and Norm Negotiation in Modern Russian Culture**. University of Bergen, 2009. p. 18-33.
- ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. **Categorização: dá para não fazê-la?** Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 5, n. 2, jul. dez., p. 37-67, 2008.
- BOTELHO, J. C.; MARRA, D.; MARTINS, M. R. A. S. Designações para nascente de rio no Centro-Oeste brasileiro: criação lexical e mudança semântica. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, vol. 5, n. 3, p. 35-47, 2019.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. 1ª Ed. Editora Presença, São Paulo, 1979.
- COSERIU, E. Diacronía, sincronía e historia. El problema del cambio lingüístico. **Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias /Universidad de la República**, Montevideo, n.15, p. 201-361, 1958.
- COSERIU, E. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. **Universidad de la República. Facultad de Humanidades y Ciencias**, Montevideo, p. 29-54, 1955-1956. Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/indexen.htm> Acesso em 05 mai. 2021.
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. **Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias / Universidad de la República**, Montevideo, n.9, p. 113-181, 1952.
- DUARTE, Sirlene. A noção de norma segundo Eugênio Coseriu. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**. V. 2-3, p. 155-164, 2001.
- ITKONEN, E. On Coseriu's legacy. **Energeia. Online Journal for Linguistics, Language Philosophy and History of Linguistics**, Zürich, n. 3, 1-29, 2011.
- KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. **Revista da ANPOLL**, n. 2, p. 45-70, 1996.
- LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Editora José Olympo. 47ª Edição, 2003
- MARRA, D. Os níveis da linguagem: a teoria linguística de Eugenio Coseriu (no prelo). **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, 2023.
- MARRA, D. Cerrado e Vereda: designação, sentido e mudança semântica. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 105-127, 2020.
- MARRA, D. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 163 p., 2012.
- MARRA, D. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 140 p., 2009.
- OBROCEA, N. The concept of norm from the perspective of integral linguistics. **Professional Communication and Translation Studies**, n. 9, p. 89-96, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28ª Ed. Editora Cultrix, São Paulo, 2012.
- SILVA, A. S. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

UCHÔA , Carlos Eduardo Falcão. Por que Coseriu? **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 15-38, 2021.

UCHÔA , Carlos Eduardo Falcão. Eugenio Coseriu no quadro da linguística moderna. **Confluência**. Rio de Janeiro. n. 55, 2018.

Recebido em: 14 de novembro de 2022.

Aceito em: 05 de dezembro de 2022.